

Semana debateu representação política

A importância de Brasília na Vida Nacional e o estabelecimento do direito de voto para o brasileiro, com sua representação política própria, foram temas que mereceram a atenção da cidade no correr da semana. O **Jornal de Brasília** fez uma ampla pesquisa de opinião pública, ouvindo mais de três centenas de eleitores da Capital da República, em diversos setores.

Essa pesquisa revelou que o brasileiro, em sua maioria, quer participar da vida nacional com normalidade, podendo votar a ser votado, como qualquer cidadão brasileiro. As teses dos senadores Catete Pinheiro e Itamar Franco, esposadas em projetos de reforma constitucional, foram amplamente debatidas, especialmente por visarem uma representação parlamentar, de três senadores, eleitos por voto direto, em Brasília.

Enquanto isso, a Associação dos Economistas promovia, no Clube da Imprensa, um painel sobre o tema **Brasília pelo Voto**, onde as mais destacadas figuras políticas nacionais expuseram seus pontos de vista, alargando a visão puramente casuística da capital que não vota para uma análise mais profunda do momento institucional em que o país vive.

A I Semana Brasília pelo Voto, que constou de palestras de Almino Afonso, ex-ministro do governo João Goulart; Fernando Henrique Cardoso, candidato emedebista ao Senado, e de Moniz Bandeira, historiador, teve todos os debates reunidos em torno do regime político implantado no país em 1964, e que, segundo os conferencistas, está agonizando. Moniz Bandeira chegou a se referir ao Governo, comparando-o a um cão raivoso debatendo-se com a morte: «Apesar de estar estertorando, ainda pode morder, e por isso devemos ter cuidado».

Almino Afonso, que defendeu uma igualitária distribuição da renda nacional, afirmando que «no Brasil, apenas um por cento da população tem salários superiores a Cr\$ 22 mil», também insistiu em que as manifestações dissidentes de setores da classe média — graves de professores, metalúrgicos, médicos e intelectuais — refletem a agonia do regime, mas concluiu: «apesar de jogar na redemocratização do país, não descarto as surpresas e a preservação de tudo o que está aí».

O ex-ministro lembrou as manifestações populares de antes da revolução, como a procissão da classe média «com Deus pela Liberdade» e afirmou que essas passeatas não ocorrem mais porque a população está reprimida, «mas a classe média não concorda com nada do que está aí». E comentou que a inflação atormentadora do operário em 1963 era preferível a de hoje, porque inflação com direito a queixas reivindicações é sempre mais fácil de solucionar.

GREVE

O sociólogo Fernando Henrique Cardoso, que falou sobre «O Intelectual, o Técnico e a Política», louvou «a presença, em 1978, de um novo ator no processo político brasileiro — o trabalhador» e disse que «o longo tempo em que o operário ficou calado vem provar, não sua incapacidade de lutar, mas a sua condição de esmagado, pressionado e policiado pelo regime vigente».

Segundo o sociólogo, «os metalúrgicos paulistas que, este ano, entraram em greve, não tinham nenhuma experiência nessa manifestação, mas foram mobilizados em virtude da demanda política, ou seja, salários, liberdade e identidade valorizada». E afirmou que «1968, apesar de ter esmagado, não conseguiu calar o trabalhador, que continuou, no interior das fábricas, a reivindicar em silêncio».

Fernando Henrique disse que a presença do general Euler Bentes Monteiro — possuidor de quatro estrelas e, há um ano, no alto comando do Exército — dentro do partido de oposição «vem provar que até as forças armadas já reconhecem o enfraquecimento do regime vigente. A assinatura do general na ficha do MDB é um reflexo da dissidência e do fracionamento pelo qual passam as forças armadas». Declarou que o princípio da oposição «deve se acabar com o sistema e criar outro» e disse que «ou o MDB se engaja num setor, ou ganha, mas não leva».

Durante sua palestra, que versou sobre o «Trabalhismo na formação política do Brasil», o professor Moniz Bandeira disse que a ocorrência do fenômeno populista na vida brasileira foi uma lei decorrente dos processos novos que passaram a se verificar na vida econômica, social e política, e não uma consequência do surgimento de Getúlio Vargas.

E disse que o PTB — Partido Trabalhista Brasileiro —, «que todos dizem ter sido criado por Getúlio Vargas», não teve sua criação de cima para baixo, mas de baixo para cima. «Ele foi determinado pelo surgimento de uma classe operária, de extração rural e formação recente, cuja consciência ideológica se prendia mais a condição de ex-camponeses do que de operários industriais». E afirmou que, «na realidade, apenas o PSD — Partido Social Democrático — é que teve sua criação determinada exclusivamente por Getúlio Vargas».